

ECOS

RELEVO

A expressão singular da história, nos marcos da paisagem

Cuidado, montanha 'brava'!

texto e fotos LIANA JOHN



Tronar, em espanhol, é um verbo usado como o nosso trovejar das tempestades de verão. E também serve para definir explosões de raiva ou atos que nos levam à ruína – moral, econômica ou física.

Não poderia haver termo melhor para associar a uma montanha muito peculiar, estrela do Parque Nacional Nahuel Huapi, situado a 90 quilômetros de Bariloche, quase na fronteira da Argentina com o Chile: *El Tronador*.

Trata-se de um estratovulcão com 3 picos: de 3.554 metros (chamado Internacional), 3.430 m (Chileno) e 3.410 m (Argentino). O tipo de vulcão é bem comum, caracterizado pelo formato cônico da montanha, resultante da sobreposição de camadas de lava de diferentes idades e texturas. Mas *El Tronador* tem um diferencial: é uma montanha 'brava'. A intervalos irregulares, quem estiver por perto ouve estrondos semelhantes a trovões, graves e profundos.

O 'tronar' é mais forte na vertente do *Ventisquero Negro*, como é chamada a borda de uma geleira antiga, em retração, hoje restrita ao alto da montanha. Dela despençam diversas

cachoeiras resultantes do derretimento do gelo, compondo uma paisagem espetacular, seja qual for o ângulo de visão.

Parte dessa água volta a se congelar na base da montanha, dando origem a uma massa de gelo misturado com sedimentos escuros. E parte continua descendo, encorpando arroios e rios, até desembocar em um dos vários lagos que circundam as montanhas, todos de um azul-turquesa característico das águas de degelo.

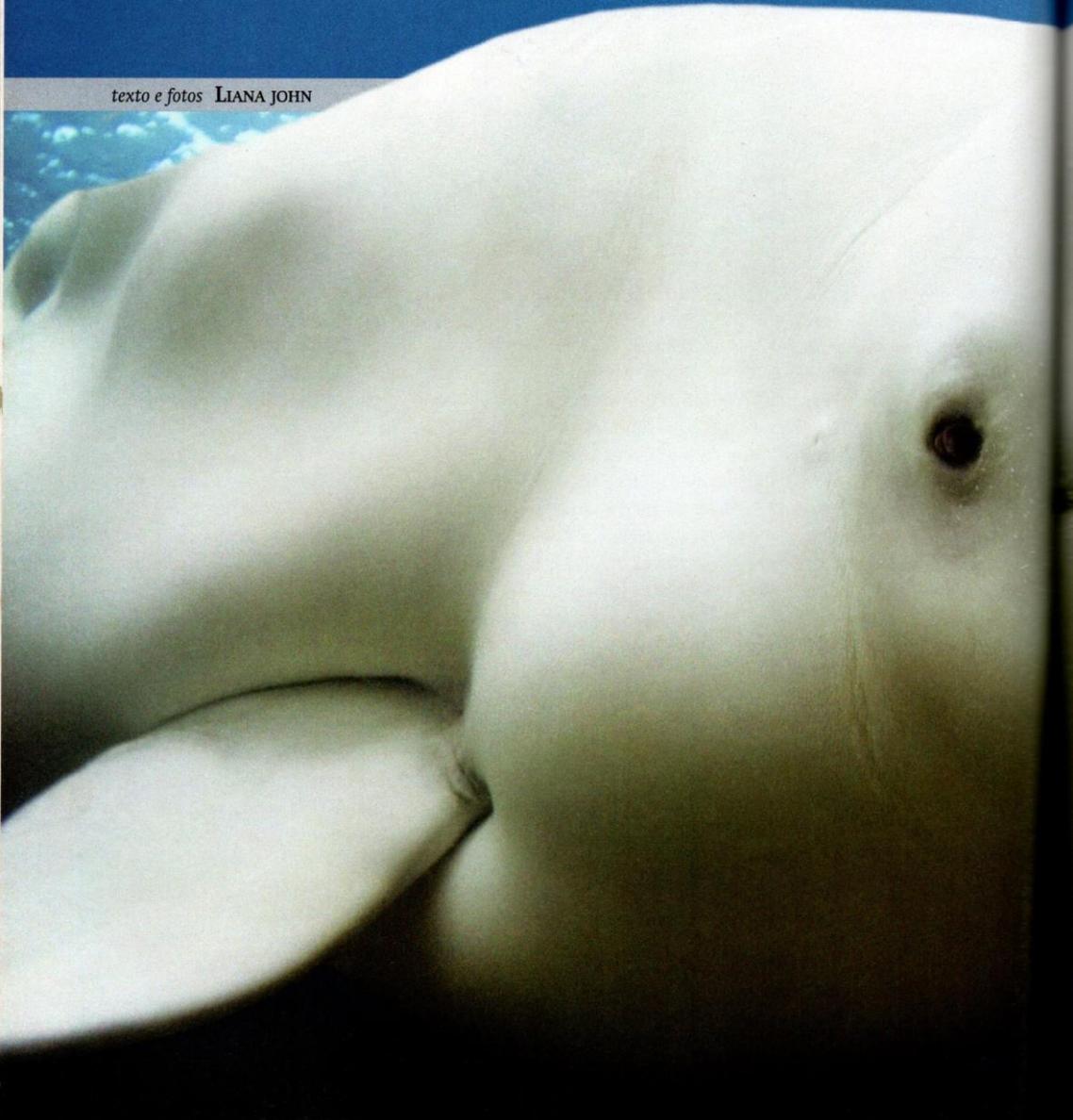
O som trovejante é resultado da acomodação da geleira e não do vulcão. *El Tronador* é considerado extinto ou potencialmente ativo, conforme o autor, pois não há registros recentes de atividade. Já a geleira está em movimento, embora sejam apenas alguns centímetros por ano. Seu 'rastros' está claramente impresso no cenário, nas diversas morenas dispostas de ambos os lados do *Ventisquero Negro*. Morenas, vale lembrar, são montes de sedimentos empurrados pela geleira e depositados às suas margens, como o que se vê na base direita da foto principal, nesta página.

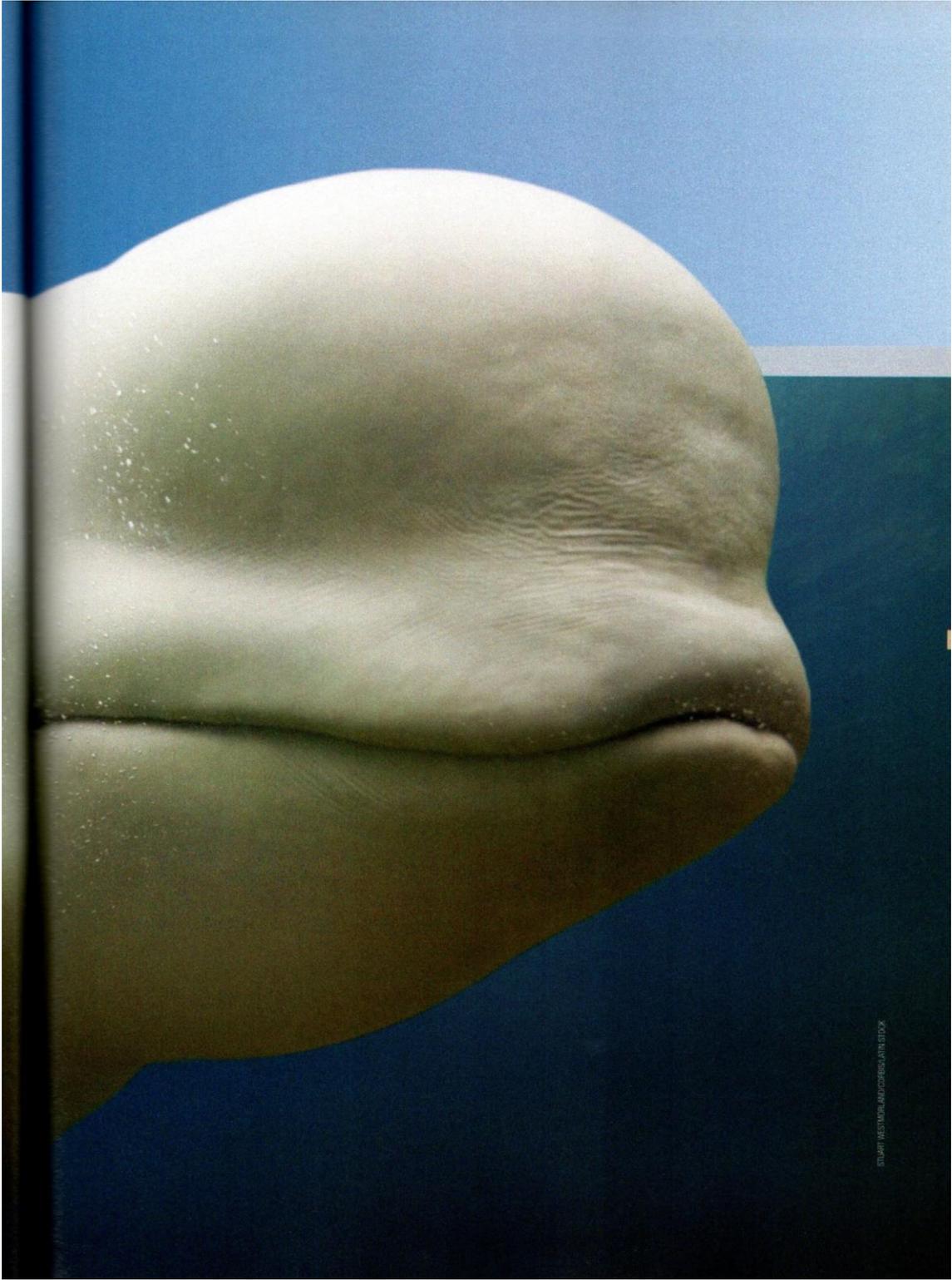
— CANADÁ —

Belugas em festa

*A cativante coreografia de verão das baleias brancas
nas águas rasas do Círculo Ártico*

texto e fotos LIANA JOHN





STUART WESTON/ANDREWS/GETTY IMAGES



Nadar por 10 meses em águas geladas faz qualquer mamífero ansiar por um pouco de calor. Mesmo quando se trata de espécies que jamais

deixam o Oceano Ártico em busca de zonas mais quentes, como a beluga (*Delphinapterus leucas*), a menor, mais branca, mais simpática e mais 'falante' de todas as espécies de cetáceos. Em grupos grandes, de cem a mil indivíduos, as belugas permanecem em alto-mar de setembro a junho, quando o frio toma conta das altas latitudes, transformando a superfície do oceano em uma perigosa combinação de imensas plataformas de gelo marinho cortadas por labirintos de fendas e bura-

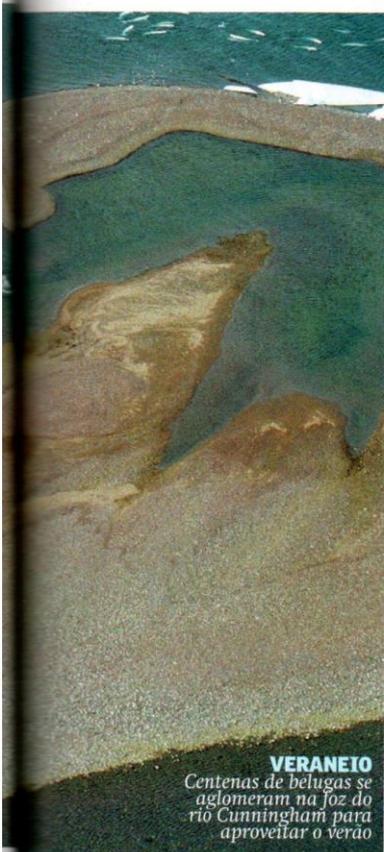
cos para respirar. Mal o gelo derrete, as baleias brancas se dirigem aos seus endereços de veraneio, em fiordes, baías, canais e estuários rasos das costas do Canadá, Alasca, Groenlândia, Noruega e Rússia, atrás de temperaturas mais agradáveis.

Um desses endereços é a foz do rio Cunningham, na ilha Somerset, no extremo Norte do Canadá, distante apenas 800 km do Polo Norte. É onde desembarco, numa pista de pouso quase caseira, depois de 4 horas de voo sobre mar congelado e ilhas nuas, cor de pedra. Do avião, confiro as rachaduras no gelo marinho, ainda insuficientes para dar passagem às baleias.

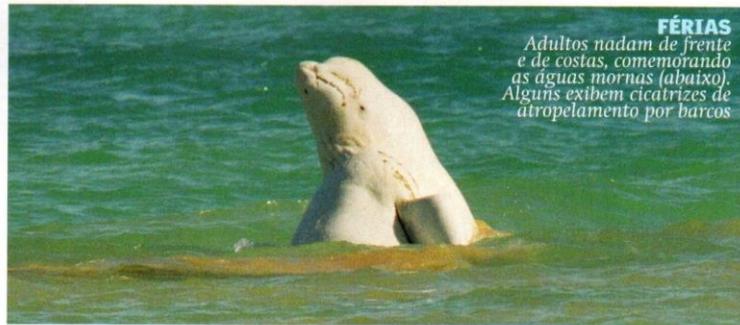
Chegamos a tempo para o jantar, na estranha noite que nunca escurece. Como os demais turistas e observadores

de fauna – somos 16, ao todo – quero saber nossas chances de ver as belugas nos próximos dias. Uma pergunta difícil de responder, mesmo para a experiente família Weber, que em 2009 completa 10 anos de operação no local. Paciência, o jeito é programar um passeio pelo litoral para o dia seguinte, na expectativa de observar focas ou ursos. Talvez.

Formamos uma fila de 8 quadriciclos com um guia à frente e outro atrás. Acompanhamos a margem esquerda da baía Cunningham, cheia de subidas e descidas, lombadas e valetas, manchas de gelo e pedras soltas como brita, porém pulverizadas pelo frio e não por máquinas. De repente, o guia Sven Niederhauser acelera e ultrapassa a todos



VERANEIO
Centenas de belugas se aglomeram na foz do rio Cunningham para aproveitar o verão



FÉRIAS
Adultos nadam de frente e de costas, comemorando as águas mornas (abaixo). Alguns exibem cicatrizes de atropelamento por barcos



A simpatia das belugas colocou a espécie entre as preferidas para exibição pública

nós, chamando a atenção de Richard Weber, lá na frente: "As baleias vêm vindo!"

Era tudo o que queríamos ouvir. Largamos os veículos 4 x 4 de qualquer jeito e nos aglomeramos na praia, apontando binóculos, câmeras e luneta na direção indicada por Sven. As belugas estão mesmo entrando na baía. Podemos ver os dorsos brancos e os borrifos de respiração se alternando por entre os blocos de gelo, dezenas delas!

Fazemos meia volta e seguimos para o ponto onde o rio desemboca no mar, o encontro da água doce, rasa e 'morna' com a gélida água salgada. Então assistimos a um espetáculo nem de longe representado pelas fotos que qualquer um de nós consegue tirar. As baleias emer-

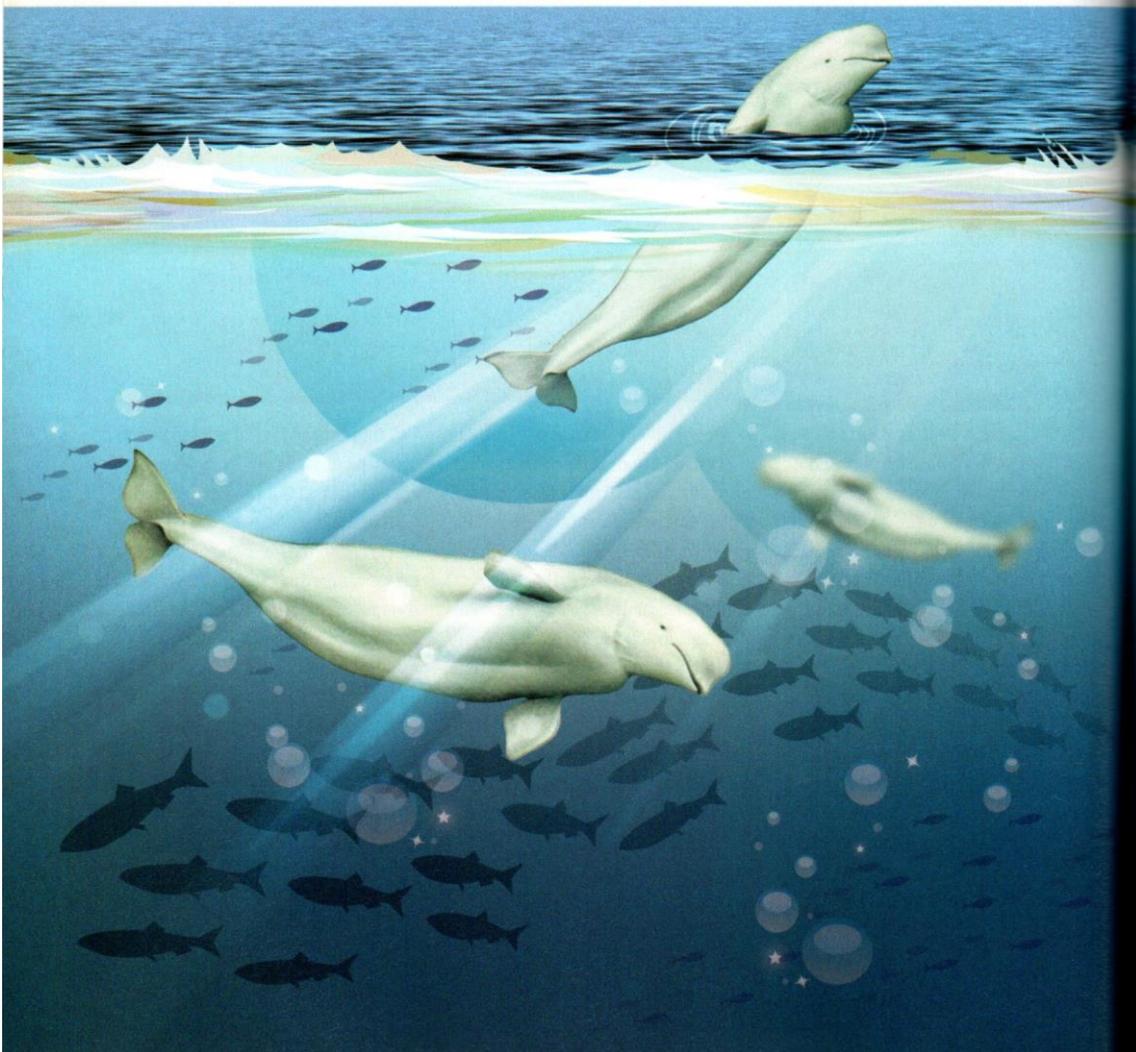
gem, mergulham, viram e reviram, dão cambalhotas, mostram as nadadeiras, levantam a cauda, balançam a cabeça... São adultos branquíssimos, jovens amarelados e filhotes cinza-escuros, todos igualmente exultantes em chegar ali.

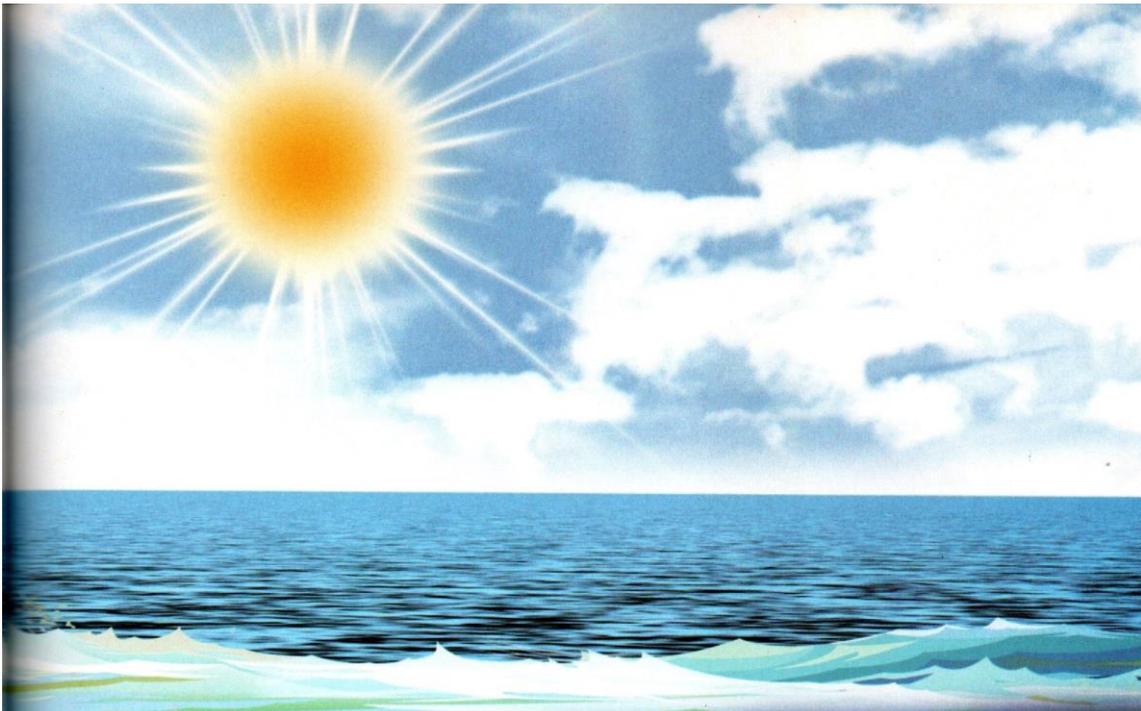
As belugas têm de 3 a 5 metros, o corpo alongado e a cabeça redonda como os golfinhos, porém sem 'bico'. Não têm nadadeira dorsal, mas uma 'corcunda' comprida e resistente, com a qual eventualmente conseguem abrir caminho em meio ao gelo fino. Flexionam o pescoço como nenhum outro cetáceo e são cheias de expressões. A mais famosa é a linha da boca, suave, desenhada num sorriso permanente. Ninguém escapa de se encantar à primeira vista.

Tanta simpatia colocou a espécie entre as preferidas para exibição pública em aquários. Mas a principal ameaça à espécie é mesmo a caça para consumo da carne, do óleo e da pele. Muito antes de atrair turistas para observação, o veraneio das belugas em águas rasas, sempre nos mesmos locais, chamou a atenção de caçadores. Vestígios arqueológicos indicam o consumo desses cetáceos pelos primitivos thule, que habitaram o Ártico cerca de 800 anos antes do que os inuit, habitantes nativos do Alasca e Norte do Canadá. No final do Século 19, em todas as terras do Círculo Ártico, as belugas eram mortas aos milhares. Apenas em Somerset, entre 1874 e 1898, pelo menos 10 mil belugas foram mortas por

MENOR E MAIS BRANCA

A beluga é o único cetáceo inteiramente branco. Também é a única espécie conhecida do gênero *Delphinapterus*. Pertence à família *Monodontidae*, da qual só faz parte mais uma espécie, de gênero diferente – o narval (*Monodon monocerus*). Sua ocorrência se restringe ao Círculo Polar Ártico e aos mares subárticos, sem registros abaixo da latitude 45° Norte. A população de belugas que vive mais ao Sul é a da baía Saint Lawrence, em Ontário, Canadá, com cerca de 500 indivíduos. Outras 19 populações circulam no Oceano Ártico, ao Norte da Rússia, Noruega, Groenlândia, Canadá e Alasca (EUA). Durante os meses de inverno, grandes grupos de belugas permanecem em mar aberto. Quando o gelo marinho se rompe e derrete, no auge do verão, as baleias brancas se aproximam da costa e 'veraneiam' em águas rasas e mais quentes. Procuram, sobretudo, o abrigo de fiordes, baías, canais e a foz dos rios com leito de pedras, nas quais rolam e se esfregam para facilitar a troca de pele.





BALEIA-FRANCA (*Eubalaena australis*)

É a maior espécie de baleia que frequenta águas brasileiras. Alcança 18 metros de comprimento e 60 toneladas



ORCA (*Orcinus orca*)

É a mais conhecida das baleias com dentes. Chega a 9 m de comprimento e 7,5 toneladas

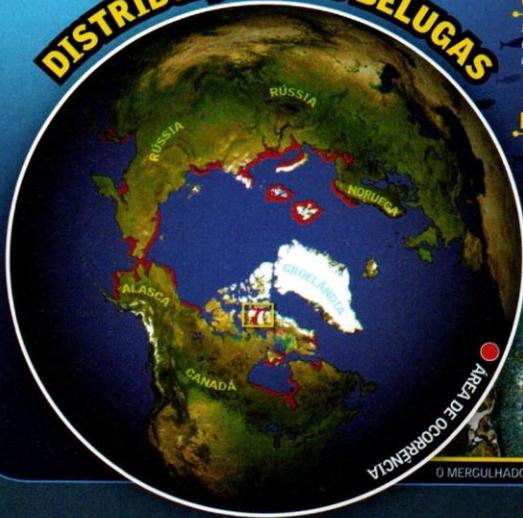


BELUGA (*Delphinapterus leucas*)

É a menor espécie de cetáceo chamada de baleia. Tem, em média, 4 m de comprimento e pesa 1,5 ton. Metade de seu peso é gordura, um percentual bem maior do que da maioria das baleias (20%). A grossa camada de gordura garante o isolamento térmico no gelo do inverno ártico.



DISTRIBUIÇÃO DAS BELUGAS



O MERCULHADOR AQUI USADO COMO ESCALA TERIA 1,70 M E 70 KG

ILUSTRAÇÃO: FOTOGRAFIA: ANDRÉAS FERREIRA DE OLIVEIRA

O gelo e a vida

No auge do inverno, nas altas latitudes do Hemisfério Norte, o gelo marinho hoje cobre cerca de 14,5 milhões de quilômetros quadrados. Isso é de 1,5 a 2 milhões de km² a menos do que os 16 milhões de km² de 1950, uma extensão que se manteve estável desde as primeiras estimativas, realizadas em 1900. No verão, a diferença é maior: o gelo cobre aproximadamente 8 milhões de km² do Oceano Ártico nos dias atuais, contra algo em torno de 12 milhões de km² em 1950.

A espessura média do gelo marinho também mudou. Dos 3,1 metros medidos por submarinos entre 1958 e 1976, passou a 1,8 metro nos anos 1990.

Com base em tais dados, a previsão

de pesquisadores norte-americanos da Agência Nacional para a Atmosfera e os Oceanos (NOAA, na sigla em inglês) é de que o gelo ártico encolherá progressivamente durante o verão até passar a derreter completamente daqui a 70 anos, por volta dos anos 2080.

Não é só. O congelamento do Ártico no outono também se tornará mais e mais tardio, apresentando uma estrutura diferente. O gelo marinho não tem o mesmo padrão de congelamento do gelo dos lagos de água doce: precisa de temperaturas mais baixas para se formar (-1,8° C contra 0° C do gelo comum); depende do resfriamento de toda a coluna d'água até uma profundidade de 100 a 150 metros; e se estrutura de modo distinto se o mar é calmo ou agitado.

A redução do gelo no Ártico já deflagrou uma corrida para exploração de minérios e petróleo e disputas entre os países do Norte – sobretudo Rússia e Canadá – pelo direito de controlar o tráfego crescente de navios cargueiros pela passagem Norte. A probabilidade de acidentes ambientais, claro, aumenta. As baleias e demais espécies árticas enfrentarão mais vazamentos de químicos e atropelamentos. Mas a pior notícia é o desequilíbrio na cadeia alimentar. As mudanças no gelo alteraram radicalmente a produtividade de algas, invertebrados e crustáceos adaptados ao gelo marinho e devem levar ao rápido declínio de peixes e moluscos dos quais aves, baleias, focas e ursos se alimentam.

baleeiros escoceses, e suas peles usadas para fazer cordões para botas e capotas de carruagens. No Alasca, o empresário Joseph McGill caçou belugas de 1915 a 1921 com uma estratégia infalível: ele esperava os grandes grupos entrarem pela foz do rio Cook na maré cheia e então fechava a passagem com uma rede e matava todos os animais a tiro, na maré baixa. Ele usava a pele das baleias para fabricar luvas. Na Noruega, a caça às belugas se prolongou até 1955 e na Rússia ainda é permitida.

No Canadá, atualmente, apenas os inuit são autorizados a caçar, mas não há restrição quanto ao número de indivíduos. E em todo Ártico persiste a competição de pescadores profissionais e baleias pelo pescado, pois belugas consomem vários peixes de interesse comercial em grandes quantidades, incluindo os valorizados salmão e bacalhau.

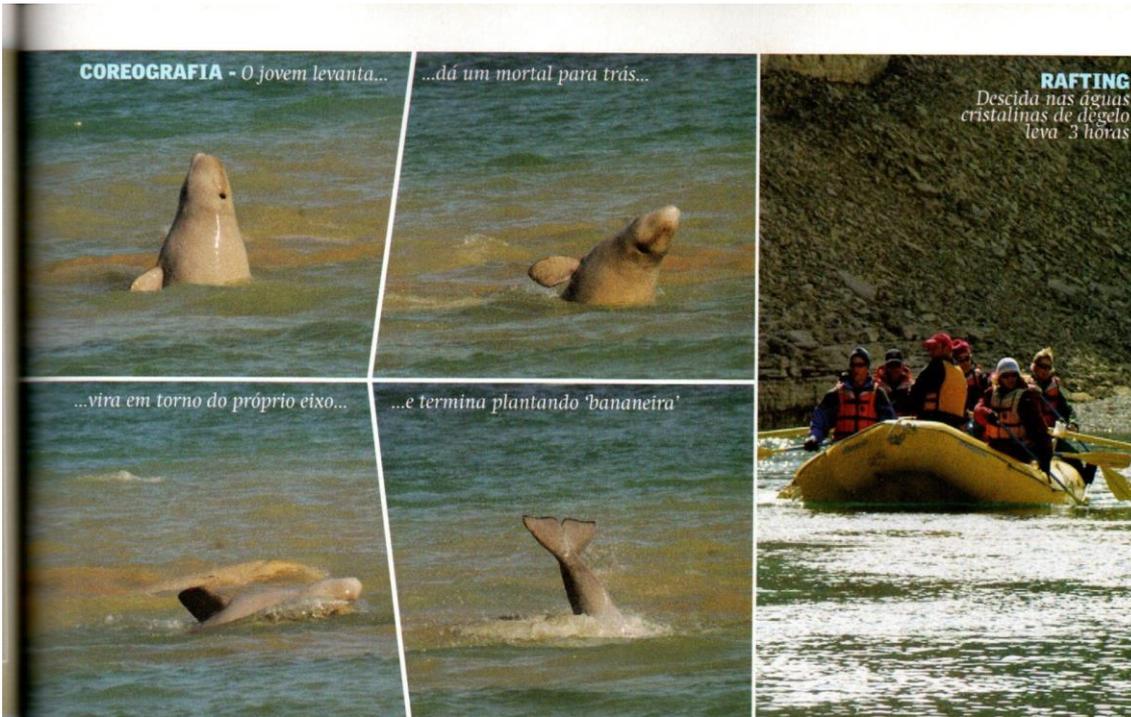
A caça para consumo de óleo e carne ainda é a maior ameaça

Mesmo assim a espécie passou de 'vulnerável' para 'próximo de ameaçada' na última revisão da União Mundial para a Conservação da Natureza (IUCN, na sigla em inglês). De acordo com Randall Reeves, coordenador do Grupo de Especialistas em Cetáceos da IUCN, entrevistado via e-mail, "as

contagens recentes, feitas sobretudo por avião, mostraram que algumas populações são mais numerosas do que antes foi estimado, assim, globalmente, a espécie não se qualifica como 'vulnerável', embora algumas populações estejam sob pressão regional por superexploração, apresentando declínio". A revisão elevou o total de belugas de cerca de 50 mil para 200 mil indivíduos.

"A caça é, de longe, o maior problema hoje, pois o homem pode matar milhares de belugas em curtos períodos de tempo, quando elas procuram águas rasas para se proteger dos predadores naturais, para conseguir alimento e aproveitar as águas mais quentes dos rios", afirma o especialista britânico Tony Martin, do Instituto Durrell, Universidade de Kent. Os predadores naturais dessas baleias são ursos polares – que as

Em geral, durante o inverno, a temperatura da água no Oceano Ártico fica em torno de 2° C negativos, embora na superfície os ventos possam derrubar os termômetros até -35° C. No auge do verão, em julho e agosto, o mar aberto chega a 2° C positivos, mas as áreas costeiras protegidas do vento e os rios rasos aquecidos por 24 horas contínuas de sol podem atingir 12° C.



matam quando sobem para respirar em buracos no gelo – e orcas, que as caçam em alto-mar.

Durante 4 verões, Martin esteve em Somerset para observar o comportamento das belugas e também monitorou alguns indivíduos por meio de telemetria. Descobriu a profundidade do mergulho das belugas – até mil metros – muito maior do que inicialmente se imaginava.

“Elas mergulham assim fundo porque conseguem. E assim pegam presas fora do alcance de outros predadores que não vão tão fundo, como ursos e aves”, explica, em entrevista via e-mail à Terra da Gente. Segundo ele, pesquisas realizadas em cativeiro revelaram uma grande variedade de sons emitidos pelas belugas, justificando o apelido de “canários do mar”. “Não temos uma decodificação desses sons, mas certamente há gritos de alerta e chamados para acasalamento entre eles”, continua. E também foram

identificadas ‘frases’ e gestos específicos de mãe para filhote.

Ninguém sabe bem por onde as belugas andam no outono, inverno e primavera, ou se migram para uma determinada região para acasalamento, pois nestas estações é muito frio e escuro e as pesquisas são prejudicadas. Aparentemente o acasalamento ocorre entre fevereiro e abril e o período de gestação é de 14 meses. Os filhotes, isso é mais conhecido, nascem praticamente ao mesmo tempo, durante o mês de junho, podendo variar um pouco mais, do final de maio ao início de julho, no caso das populações subárticas.

O recém-nascido é muito esperto e acompanha a mãe por toda parte, dependendo do leite por pelo menos um ano, embora as fêmeas amamentem até por 2 anos. A mãe também o protege do frio, às vezes colocando o filhote entre ela e outra fêmea ao atravessar uma corrente

gelada, por exemplo. A mesma fêmea tem apenas uma cria a cada 3 anos.

Durante nossa semana em Somerset, paramos diversas vezes para observar e fotografar as evoluções das belugas na boca do rio Cunningham, em cujas águas transparentes também descemos em botes de borracha por entre paredões de pedras geometricamente cortadas, fazendo um belo rafting de quase 3 horas. Mas em nenhum dos outros dias assistimos à explosão de alegria daquela chegada. Por melhores que sejam as evoluções inventadas por treinadores para as belugas de aquários, nada se compara à coreografia espontânea que tivemos o privilégio de ver em ambiente natural. ●

PARA SABER MAIS:

Sobre belugas, leia os livros *Beluga whales*, de Tony Martin, publicado pela Editora Colin Baxter e *Beluga Days*, de Nancy Lord, editado pela The Mountaineers Books, ambos disponíveis apenas em inglês

Sobre o acampamento de turismo de observação no Ártico: www.arcticwatch.ca

Piercing de peixe

TEXTO **LIANA JOHN**

Como alguns jovens mais ousados dos anos 2000, algumas espécies de peixe ostentam estranhos adereços na língua. Com a diferença de se tratarem de 'piercings vivos'!

Esse foi o caso de um dos jovens tucunarés pescados pelo repórter Dirceu Martins, no rio Negro. Ele tinha uma cigarrinha (*Philostomella cigarra*) firmemente fixada na língua. O pequeno crustáceo costuma se instalar de costas para a garganta e de

frente para a boca de peixes carnívoros, de modo a aproveitar as presas capturadas e ingeridas por eles. A cigarrinha tem 7 pares de garras e usa 3 ou 4 para se fixar na língua do peixe, deixando os demais livres para triturar o alimento.

O 'piercing vivo' pode permanecer na boca do hospedeiro por 60 a 70 dias e a pressão de suas garras chega a provocar a atrofia da língua, conforme explica o especialista Paulo Cec-

carelli, do Centro de Pesquisa e Gestão dos Recursos Pesqueiros Continentais do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (Cepta/ICM-Bio). "No entanto, nem sempre a cigarrinha é um parasita", ressalva ele. "O peixe-cadela (*Cynopotamus humeralis*) tem uma relação de comensalismo com a cigarrinha: a forma como o crustáceo tritura o alimento facilita a digestão do peixe, que fica mais saudável e cresce mais rápido".



de sangue e provoca feridas no hospedeiro. Prejudica o crescimento e pode até matar. Retiramos o 'adereço' do nosso peixe antes de devolvê-lo à água.

Aí, os tucunarés maiores resolvem dar as caras. Primeiro, pego um paca de 2 kg, em seguida travo uma briga boa com um de 3,8 kg. Edi vê o peixe primeiro e me orienta. O guia merece, no mínimo, metade do crédito desta vez.

Explorar o rio Negro é descobrir que o silêncio esconde um mundo em evolução. As árvores caídas nas margens

A cigarrinha fica grudada na língua do tucunaré

mostram a face violenta das águas: de um lado do rio elas cavam, do outro lado acumulam sedimentos. As árvores, sob pressão, equilibram-se num malabarismo de sobrevivência, antes

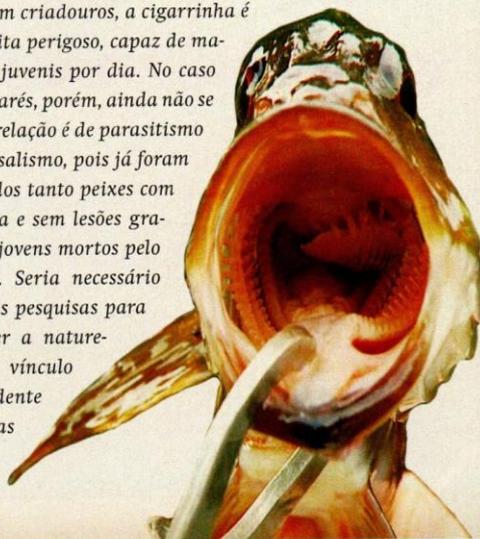
de desabar num mergulho inevitável. Mas se o ambiente está em equilíbrio, um fenômeno compensa o outro. A árvore que cai abre espaço e a luz estimula o crescimento de outras plantas.

Na outra margem, o que para a navegação é um banco de areia, para a biologia é um banco genético. Edi, nascido e criado por aqui, tem olhos para encontrar o que a maioria não vê, como um ninho de curiango feito no chão.

A semente de saboarana (*Dalbergia spruceana*) viaja quilômetros pela água.

De acordo com Ceccarelli, cerca de 90% dos peixes-cadela do rio Mogi-Guaçu têm a 'cigarrinha-piercing' na língua. E sempre são cigarrinhas fêmeas, com até 2,6 cm. "Todas as cigarrinhas nascem machos e se tornam fêmeas ao se instalarem no peixe hospedeiro. Elas então passam a liberar um feromônio na água, que impede o crescimento dos machos próximos, cujo tamanho se limita a 1,5 cm. A fêmea também carrega uma bolsa com cerca de 100 ovos ou larvas, que já saem prontos para se fixar em outro peixe", complementa o pesquisador.

Para peixes como o pintado, a corvina e a tilápia, em meio natural ou em criadouros, a cigarrinha é um parasita perigoso, capaz de matar 3 a 4 juvenis por dia. No caso dos tucunarés, porém, ainda não se sabe se a relação é de parasitismo ou comensalismo, pois já foram encontrados tanto peixes com cigarrinha e sem lesões graves como jovens mortos pelo crustáceo. Seria necessário fazer mais pesquisas para estabelecer a natureza desse vínculo surpreendente entre duas espécies tão diferentes.



Quando encontra a areia, já vai se sentindo 'em casa' e botando as raízes para fora. Muito bem adaptada a solos de baixa fertilidade, a espécie é uma campeã na taxa de germinação: de acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), 94% de suas sementes 'vingam'.

O guia vê mais traços de vida na areia. As pegadas são de tracajá (*Podocnemis unifilis*), tartaruga muito comum na Amazônia. Os adultos pesam em média 8 kg e chegam a 68 centímetros de com-

primento. Podem viver até 90 anos, se escaparem ao homem. Seguimos as pegadas e adiante cavamos com cuidado. A 25 cm encontramos o primeiro ovo. E outro, e mais outro... Contamos 20 ovos e logo os devolvemos com o mesmo cuidado, disfarçando bem o ninho, na esperança de que ninguém mais ache. E deixamos nosso canto perdido na curva do rio.

Na manhã seguinte, mais ação! Um dia inteiro atrás dos tucunarés. Nas primeiras horas, ânimo, temperatura

ONDE FICA

Rio Negro



O rio Negro é um dos maiores rios do mundo e o mais extenso de água negra. Nasce aos pés da Cordilheira dos Andes, na Colômbia, com o nome de Guainia até a fronteira. Percorre 1.700 quilômetros até encontrar o Solimões, em Manaus, para formar o Rio Amazonas. Boa parte deste percurso passa pelo município de Barcelos, o maior do Estado do Amazonas, do mesmo tamanho que Portugal e Bélgica juntos.

COM QUEM PESCAR:

Uma das opções de hospedagem e estrutura de pesca esportiva no Rio Negro, na região de Barcelos, na Amazônia, é com a operadora Brazil Travel Fishing, telefone (11) 3735-5545. Site www.btffishing.com.br.

AGRADECIMENTOS:

Cinco pessoas tornaram possível nossa aventura amazônica. Os empresários Ronaldo Rubio, nosso guia de pesca, e Laura Rubio, responsável pela logística. O comandante Antônio Gomes da Silva Júnior - o Juca - marinheiro de máquinas formado em Santarém, no Pará. O prático José Jair Nogueira Anís, homem que conhece tudo sobre o rio. E o piloto e guia local, Edimar de Souza. A todos, nossos sinceros agradecimentos.

PATROCINADO POR:



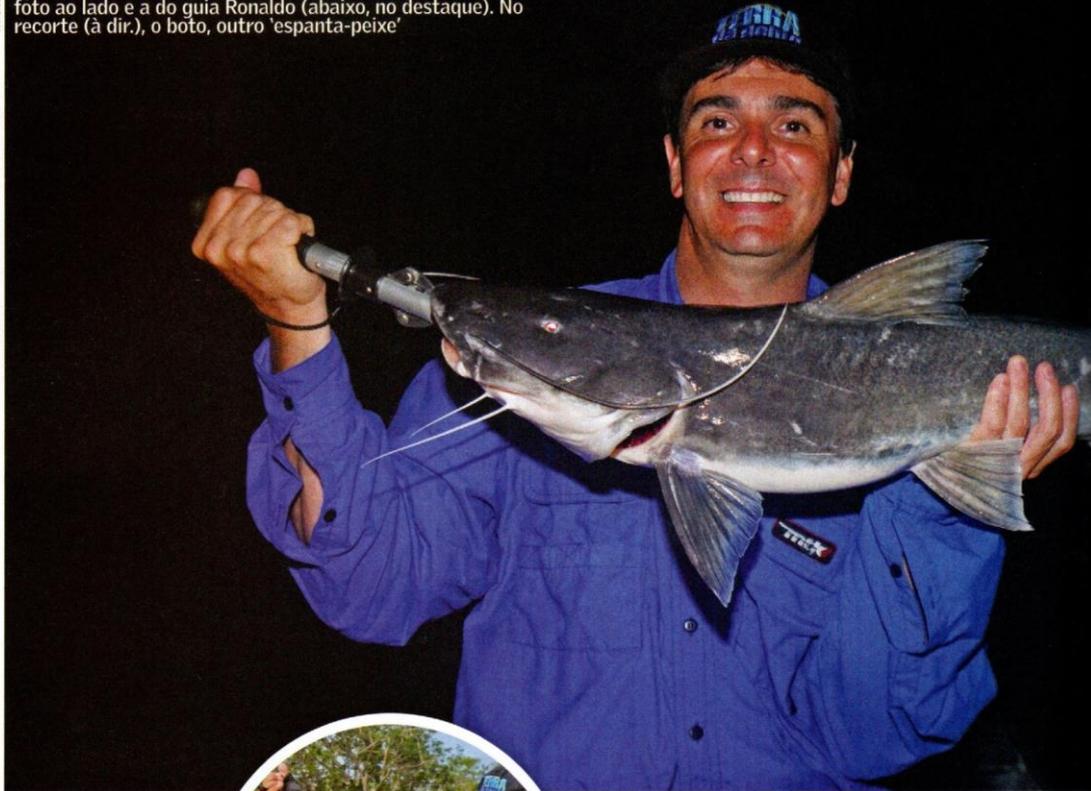
amena e paisagens magníficas. Moitas de molongó (*Ambelania tenuiflora*), colônias de palmeiras jará (*Leopoldinia pulchra*) e jauari (*Astrocaryum jauari*), muitos arremessos e poucos peixes. O jeito é trocar de isca: sai a *jumping minnow* - a popular João Pepino - e entram a *prima* e a *flash minnow*.

Depois do almoço, voltamos ao esporte. Ronaldo descobre uma multidão de tucunarés, numa entrada de lago. É um festival: paca, borboleta, pitanga, açu. Um atrás do outro. O pescador

ANTÔNIO LUIZ DOS SANTOS

VARIEDADE

Outras espécies, como a piraíba (aqui, um filhote), aparecem na busca pelos belos tucunarés, como o paca da foto ao lado e a do guia Ronaldo (abaixo, no destaque). No recorte (à dir.), o boto, outro 'espanta-peixe'



põe peso na emoção e tira o maior peixe da viagem, até aqui: 4,8 kg. Quando completamos 10 horas de arremessos, chegamos perto de uma boa marca. Já estamos com 39 peixes, 29 do Ronaldo e 10 meus. Se pegarmos mais um, encerramos. Então, repentinos como apareceram, os peixes desaparecem. A luz baixa e não pegamos mais nada. A pescaria de 12 horas acaba sem número redondo.

Seguimos rio acima, para um emaranhado de paranãs, em busca dos tucunarés gigantes. Uma árvore caída bloqueia o canal. Em vez de tirar os galhos, acrescentamos mais alguns paus e fazemos o barco saltar. Mal comemoramos e logo aparecem mais barreiras. Aos poucos, a 'brincadeira' fica pesada. No meio da floresta, o calor e a umidade castigam. O fio de água do riacho às vezes desaparece. Aí, é força no braço e todo

mundo ajudando... Agora não dá mais para desistir. Passamos da metade do caminho e voltar seria pior.

Atingimos um ponto onde o barco já navega. José Jair vai em pé, 'no mará', como ele diz. As moitas de molongós prometem ação, que logo vem. Ronaldo pega primeiro, eu arrisco na mesma moita e fazemos um duplê de tucunaré. Ronaldo acaba perdendo o dele, mas eu embarco e solto um belo tucunarépaca de 3,2 kg!

Seguimos na pescaria, mas não estamos sozinhos. Vultos nadam à nossa volta, lisos e rápidos, como miragens. É um bando grande de ariranhas, a



As moitas de molongós prometem ação, que logo vem, nos doublês de tucunaré-paca

maior espécie de lontra do mundo, chegando a 2 metros e 34 kg. Dá gosto ver tantas assim, de uma vez só! A pescaria está arruinada, mas o encontro vale a pausa forçada.

Deixamos para retomar à tarde, em outro lago. Edi me aponta o lugar certo para o arremesso. O bicho salta... e se solta! Um salto espetacular! Sem o guia Ronaldo, sigo à risca os palpites e recomendações do guia local. Nestes 5 dias, aprendi que ele não costuma perder palavra. Edi chama minha atenção para um 'chuveirinho': filhotes no meio e pais - macho e fêmea - ao redor. Jogo a linha um

pouco depois e vou puxando, para fazer a isca passar no meio do 'chuveirinho'.

Não dá outra. A linha afunda bonito. A mão treme. O coração vai a mil! Fisco e Edi adianta: "É o peixe da viagem!"

É um macho, adulto, forte e furioso! Após uma briga boa, embarcamos. E a balança acusa 9 kg! O gigante do rio Negro reluz ao entardecer, com toda a majestade de um predador voraz. Fazemos pose dupla para a foto: "Um trabalho de equipe", diz, generoso, Edimar de Souza, com a sensação de missão cumprida.

O lago recebe de volta seu 'astro'. O dourado do peixe se funde ao negro do rio, uma combinação perfeita de merecida continuidade. ●



BRUCE MARRIS